

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

**PRODUÇÃO POÉTICA DIGITAL A PARTIR DA
LEITURA DE POEMAS DE MANOEL DE BARROS**

Eneida Aparecida Mader¹ (PUCRS)
Samira Bicca D'ornelles²

Partindo-se do princípio de que os dispositivos de comunicação sem fio oferecem uma extensão natural da educação a distância via e que contribuem para a facilidade de acesso ao aprendizado em qualquer local e tempo, o presente estudo pretende apresentar uma experiência pedagógica que englobou leitura e produção poética virtuais com docentes e discentes do Ensino Fundamental, integrando leitura de poemas de Manoel de Barros e produção textual interdisciplinar, através de plataforma digital.

Empregou-se para a pesquisa o respaldo do filósofo francês Pierre Lévy, nos aspectos ligados aos meios digitais e à cibercultura. Bem como do escritor, filósofo, semiólogo e linguista Umberto Eco e da escritora e professora Regina Zilbermann, no que concerne à formação do leitor.

Uma escola virtualizada é aquela que proporciona a todos os componentes do processo educativo o acesso às novas tendências tecnológicas móveis, possibilitando que o conhecimento interdisciplinar – em destaque aqui o da literatura (leitura) e o da biologia - ultrapasse os muros e aconteça em qualquer lugar e a qualquer momento, através das mídias interativas.

Desde o princípio deste trabalho, surgiu a indagação crucial: como estimular os alunos a lerem um poema no meio virtual e, posteriormente, levá-los à produção poética, a partir dessa leitura?

¹ (Doutoranda, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil)
Email: eneida.mader@gmail.com

² (Graduada, Universidade da Região Campanha, Brasil)
Email: samira_dornelles@hotmail.com

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Entendemos que o texto, desde suas origens mesopotâmicas, é uma “entidade virtual”, abstrata, e independente de um suporte específico, ao interpretar e dar sentido a esse texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa constelação de atualizações. (LÉVY, 1996, p. 35).

Ao ler um livro, é comum de acontecer ao leitor uma interrupção súbita e frequente, devido ao afluxo de ideias, excitações, associações que o texto proporciona. Nesse sentido, o escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês Roland Barthes propõe a reflexão “Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” (BARTHES, 2012, p.26) – apontando o trabalho de tessitura dos significados. Esse trabalho não está limitado ao texto, assim como não está no autor ou no leitor exclusivamente, mas no cruzamento de olhares entre eles. O leitor é um produtor de sentidos e traz, para o interior do mundo de papel, toda uma gama de elementos extratextuais.

Apesar de a leitura guardar essa dimensão de individualidade, já que nela muitas vezes o leitor se envolve de forma tal que o mundo ao redor parece desaparecer, o ato de ler sempre ocorre como diálogo, troca. Nos atos de escrever e ler, ativam-se visões de mundo, vivências, leituras e escritas anteriores, que interferem, condicionam, particularizam a leitura e os textos.

O texto e o leitor, como afirma a pesquisadora Ivete Lara Camargos Walty, confundem-se “numa circularidade que pode ser vista como a metáfora mesma do ato de leitura” (WALTY, 2000, p.43). O texto literário apresenta um “mosaico de citações”, expressão cunhada por Julia Kristeva (1974), para referir-se à abertura intertextual do texto, proporcionando ao leitor uma reconstituição criativa. O leitor seria, assim, a instância onde as múltiplas escrituras, que compõem o texto, se reúnem.

Entidades indissociáveis - autor/texto/leitor - na verdade são intercambiáveis: um escrito sem leitores não existe, uma vez que as significações proporcionadas pelo texto se ativam no momento da leitura.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Mas, será que ler faz bem? Essa reflexão conduzida por Zilbermann (2001), aponta para o leitor implícito que há no personagem imemorial de Miguel de Cervantes - Alonso Quejada - sujeito de aproximadamente cinquenta anos, fidalgo espanhol, que preferia ler livros de cavalaria a participar de caçadas ou festas.

A leitura o envolvia de tal modo que passava as noites sem dormir, até que perdeu o juízo. A exemplo do imortal e eterno Dom Quixote, a leitura intensiva pode conduzir o leitor a um delito intenso: o de se transformar e transtornar quem a pratica. Para Zilbermann, é fundamental o exemplo de Dom Quixote, associado à figura do leitor:

Miguel de Cervantes vai mais longe, destacando o aparecimento de uma figura até então desconhecida – o leitor, caracterizando-o desde um ângulo fundamental: a independência que ele passa a deter, já que, despertado o imaginário por força da leitura, nada mais pode contê-lo ou domá-lo. A autonomia do leitor talvez seja o dado mais importante documentado por Cervantes: Alfonso Quejada, depois de metamorfoseado Dom Quixote, é incontrolável. (ZILBERMANN, 2001, p.27).

A dualidade Quixote/Quejana corresponde à alternativa entre viver o mundo dos livros ou evitá-lo, mostrando que a primeira das personagens (Quixote) mostra-se rica e venturosa, ainda que penosa e ridicularizada, caracteriza, acima de tudo, a liberdade gerada pela leitura.

Essa liberdade é, de certa forma, tolhida na sala de aula - que representa, muitas vezes, um universo fechado e sombrio para muitos alunos. Como consequência, muitos deles deixam de experimentar a imaginação proporcionada pela leitura, pois a inteligência do leitor ergue por cima das páginas vazias um mosaico semântico móvel e acidentado.

Nesse viés, Lévy (1996) explica que é possível subverter esse comando - não intencional -, imposto de certa forma ao leitor:

As passagens do texto mantêm entre si virtualmente uma correspondência, quase que uma atividade epistolar, que atualizamos,

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

de um jeito ou de outro, seguindo ou não as instruções do autor. Carteiros do texto, viajamos de uma margem à outra do espaço do sentido, valendo-nos de um sistema de endereçamento e de indicações que o autor, o editor, o tipógrafo o balizaram. Mas podemos desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer imergir outras geografias semânticas. (LÉVY, 1996, p.36).

Essas conceituações de Lévy puderam ser comprovadas no trabalho de leitura dos poemas dados aos alunos, pois eles conseguiram dobrar os poemas sobre si mesmos, produzindo a relação deles com o terrário que observavam e do qual refletiam sobre a vida autônoma que ali se desenvolvia, e, também, captaram uma aura semântica da lírica de Manoel de Barros, poeta sul-mato-grossense que, em setenta e três anos de vida poética, já soma mais de vinte títulos publicados.

Manoel de Barros revela-se, em seus próprios versos, como leitor de si mesmo e leitor dos outros. Acredita-se que a ênfase na leitura é um elemento fundamental na construção poética realizada por Barros, por esse motivo esse estudo aborda o conceito de leitura entendido como interpretação, segundo ensina Umberto Eco (2008). Para esse teórico, no processo de leitura, cabe ao leitor cooperar com a construção dos sentidos do texto.

De modo geral, cabe ao leitor preencher as possíveis lacunas deixadas pelo texto, pois “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.” (ECO, 2008, p.9).

De acordo com Eco (2008), o leitor desdobra-se em dois tipos: leitor-empírico, aquele que realiza uma leitura particular da obra com total liberdade; e Leitor-Modelo, aquele leitor criado pela própria obra e previsto como colaborador de seu sentido. O primeiro tipo de leitor, extratextual, é convidado a seguir o segundo, implícito no texto. Nesse sentido, também são esclarecedoras as seguintes palavras:

O Leitor-Modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. (ECO, 2008, p.14).

O Leitor-Modelo é postulado, podendo não existir concreta e empiricamente, quer dizer, é criado no/e para o texto. Com relação ao modo como o texto prevê o leitor, Eco (2004) esclarece que podem ser distintas as competências do destinatário e do emiteente.

A decodificação de uma mensagem verbal exige tanto competência linguística quanto competência variadamente circunstancial, ou seja, requer as competências textual e contextual. Na verdade, funda-se o jogo literário entre texto e leitor, um jogo de possíveis leituras.

O incitamento da imaginação traduz-se pela preferência pelos mundos distantes e exóticos, proporcionados pela leitura e que são muitas vezes, conforme Zilbermann, opostos à situação vivenciada pelo leitor, “a quem é facultada a experiência da alteridade, inalcançada por outro caminho”. (ZILBERMANN, 2001, p.49). Essa alteridade proporcionada ao leitor não representa apenas o acesso ao diferente que está distante, mas também, o “trânsito para um universo - que pode ser a interioridade alheia” que o poema (no caso deste trabalho) dá entrada – conhecível em virtude das revelações contidas em um texto literário (ZILBERMANN, 2001, p.49).

Os poemas de Manoel de Barros - aqueles selecionados para a realização do trabalho de leitura e produção poética com os alunos -, possibilitaram um compartilhamento com o leitor dos valores poéticos do autor, motivando os discentes a pensar sobre si mesmo e, conseqüentemente, a pensar sobre o mundo. A arte barriana ofereceu-lhes sua maior contribuição, que é a valorização da poesia, e, assim, convocando a necessária humanização do homem. O sujeito lírico barriano sugere uma identidade que valoriza os seres desprezados e pretende angariar do leitor o reconhecimento e a comunhão dos mesmos valores. Essa foi a identificação do sujeito lírico com os leitores-alunos.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Esses “seres desprezados” estiveram materializados através da construção de um terrário (com plantas, minhocas, joaninhas, insetos, etc.) pelos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre, como uma das atividades que englobou, como ato posterior, a leitura dos textos de Manoel de Barros, e a redação de poemas, à semelhança da arte barriana.

Ao cartografar (percorrer) o espaço do sentido no texto é que os alunos puderam fabricar novos textos.

Observou-se que os alunos olharam na plataforma o texto poético, leram, refletiram e finalmente construíram seu próprio poema, estabelecendo uma interface entre o aspecto biológico e o estético. Dessa forma, o poema de Manoel de Barros, estampado no ambiente virtual, serviu de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização do espaço mental do aluno, estabelecendo uma interface com ele próprio.

Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade, estabelece esse “ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa desdobrar o sentido.” (LÉVY, 1996, p.36).

Dessa maneira, a tela do computador transformou-se em uma nova máquina de ler e de redigir poemas, um lugar onde uma reserva de informação possível pode se realizar por seleção, no aqui e no agora, para o leitor individual, pois toda leitura em computador é uma montagem singular.

O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) utilizado foi o *Moodle*³. Ferramenta digital inserida no contexto escolar, a partir de 2012, através de formação continuada oferecida aos docentes do Colégio Militar de Porto Alegre. Ao longo dessa trajetória, foram realizadas observações, pesquisas e análises com o objetivo de instrumentalizar o maior número possível de professores para a utilização do *Moodle*, aumentando o número de salas de aula virtuais e, além disso, tornando as já existentes cada vez mais interativas.

³ O Moodle é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em software livre. É um acrônimo de Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos). Disponível em <http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>, acesso em 01 nov. 2016.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Devido a essa inovação, os alunos tiveram acesso aos poemas de Manoel de Barros e, a partir dessa leitura, redigiram poemas na plataforma digital diariamente, durante trinta dias, inspirados pela observação do pequeno terrário construído nas aulas de Biologia.

Essa interface, entre a leitura poética e a observação do terrário, foi possível uma vez que o conhecimento se bifurca, compõe associações inesperadas que se abrem para novos universos de possibilidades tanto no centro de um agenciamento técnico quanto em um texto.

Para Lévy “todas as técnicas, e não somente as tecnologias intelectuais, podem ser analisadas em redes de interfaces” (LÉVY, 1993, p.181), pois a interface é uma superfície de contato, de articulação entre dois espaços, entre duas ordens de realidades diferentes. Tudo aquilo que é transformação, passagem, é, conforme Lévy, da ordem das interfaces.

Nesse sentido, pode-se conduzir a atividade da leitura e escrita poética, a partir da construção, manutenção e observação dos terrários construídos pelos alunos. Nas aulas de Língua Portuguesa, os professores conduziram a leitura e a compreensão (fruição) dos poemas de Manoel de Barros, os quais conduzem a uma contemplação da natureza. Nas aulas de Ciências Físicas e Biológicas (CFB), do Colégio Militar de Porto Alegre, os alunos receberam os ensinamentos para construir o terrário, ressaltando-se a importância de que os seres tão ínfimos aparentemente, contribuem para o equilíbrio do ecossistema e da vida no planeta. Uma vez que um terrário constitui um microsistema biológico, os educandos sentiram-se, eles próprios, as “mães” e os “pais” desse pequeno mundo repleto de movimento vital.

Os professores e alunos interagiram, assim, por um mês, até que o terrário começou a perder sua efêmera existência. Escolheu-se a plataforma digital *Moodle*, por ser um *software* gratuito muito utilizado em educação virtual e que apresenta uma ferramenta que proporciona a produção do texto coletivo e cooperativo. Essa

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

ferramenta oportuniza ao professor acompanhar ubiquamente o processo de produção do conhecimento pelo grupo. Por meio de uma interação mais específica, o *Moodle* possibilita o exercício da cooperação para uma construção coletiva de conhecimento.

Verificou-se criatividade na escrita poética, ao observarem o terrário, pois os alunos o adotaram, literalmente, e nos poemas refletiram subjetivamente seus sentimentos em relação aos insetos e às plantas, que se tornaram humanizadas na criação poética das crianças. As minhocas, por exemplo, receberam nomes próprios nos poemas, e a cada “morte” delas, havia um lamento poético daquele dia.

Como bem afirma o educador, pedagogo e filósofo brasileiro Freire (2000), “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 2000, p.19).

A ação docente nessa aprendizagem em rede possibilita a convivência com o texto e o hipertexto, além de se centrar nas atividades do estudante, ajudando-o a construir o próprio percurso de aprendizagem e proporcionando-lhe condições para um autoaprendizado mais independente: a leitura autônoma e a posterior escritura.

Para esse novo desempenho, o docente necessita ser preparado, o que demanda grandes avanços. Sendo assim, torna-se prioritário formar esse novo agente da educação requerido por essa modalidade de ensino, embora possa constituir para ele uma mudança penosa, difícil, no entanto, certamente enriquecedora. Como bem expressa Lévy (1999):

a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se *um animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão sob seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, à mediação relacional e simbólica, à pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p.171).

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Nesse sentido, é possível concluir que a operação elementar da atividade interpretativa é a associação; dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto.

Assim, o poema de Manoel de Barros “O apanhador de desperdícios”, cujos excertos são apresentados abaixo, foi o texto principal que serviu de base para a leitura e a posterior escritura dos textos dos alunos.

O apanhador de desperdícios (Manoel de Barros)

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras
fatigadas de informar.

[...]

Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

[...]

Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

A partir da leitura, cada aluno reinterpretou de sua forma o poema, assim como observou a evolução dos “seres desimportantes” do terrário, e redigiu na plataforma digital a sua forma própria forma poética:

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Meu terrário

*Cada vez que eu vou
o meu terrário observar
parece que os insetos
querem comigo de esconde-
esconde brincar
Nada muda,
E a vida segue assim,
Cheia de palavras não ditas...
(Mirovski – 7º ano)*

Vida

*Mesmo parecendo que nada vive,
Existe um mundo microscópico.
Tudo está em decomposição.
Cada um cumprindo sua missão.
(Luísa – 7º ano)*

No início da atividade, os alunos não pareciam estimulados à leitura nem à escritura dos diários e dos poemas. Sendo assim, num primeiro momento executavam as tarefas propostas com certa indisposição, uma vez que se tratava de uma ação inusitada para eles. Com o passar dos dias, contudo, essa postura modificou-se, pois eles começaram a se afeiçoar aos insetos do terrário, e puderam interagir com os professores na plataforma digital.

A atividade tornou-se aprazível e gratificante, devido aos ingredientes - interação, interatividade e interface -, que proporcionaram um ambiente adequado para a concretização do que o professor e pesquisador José Armando Valente denomina de “estar junto virtual” (VALENTE, 2002, p.25), a partir da formação de uma rede de aprendizes mediados pelo computador, conectado à *internet*, no qual se desenvolvem as espirais de aprendizagem.

Esse ciclo de ações proposto por Valente, no trabalho com os alunos reduzido à atividade poética, englobou as ações de descrição (o enunciado aos alunos), a execução prática (a leitura e a feitura dos textos), a reflexão (indagações e problemas propostos aos professores via *internet*), a depuração (a solução) e a descrição, que seria um novo enunciado proposto pelos alunos e pelo professor.

Todo esse processo só foi possível porque houve interação com os professores e demais colegas, e a interatividade com a tecnologia virtual, por meio da interface - ponto de interação entre a instrução e o aprendiz, assegurando que o

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

ambiente *on-line* funcionasse efetivamente na substituição da presença física do professor ou facilitador.

Desse modo, buscou-se com esta pesquisa apresentar uma perspectiva pedagógica que relacionasse a leitura literária de poemas de Manoel de Barros às novas ferramentas digitais, possibilitando que a leitura e a produção textual ocorresse na tela, através da portabilidade e da ubiquidade proporcionadas pela plataforma *Moodle* e pela facilitação do professor.

Referências

BARROS, Manoel de. <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/manoel-de-barros-poemas/>, acesso em 01 nov. 2016.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Tradução Pérola de Carvalho. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

VALENTE, José Armando. “A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos”. In: JOLY, Maria Cristina(ed.) *Tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 15-37.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *Palavra e imagem: leituras cruzadas* / Ivete Lara Camargos Walty, Maria Nazareth Soares Fonseca, Maria Zilda Ferreira Cury. – Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZILBERMANN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* Coordenação: Benjamin Abdala Júnior, Isabel Maria M. Alexandre. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. – (Ponto futuro; 3).

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

SABBATINI, Renato M.E. *A Plataforma Moodle*. Disponível em
<http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>, acesso 01 nov 2016.